

Editor Prop - Sebastião Jesé do Nascimento

HISTORIA DO Poéta Ramos Patrício e Zulmira Feitosa



== Sofrimentos, Amor e Aventuras ==

Editor prop. Sebastião José
do Nascimento

HISTÓRIA DO POETA
RAMOS PATRÍCIO E
ZULMIRA FEITOSA

O amor é um gigante
que ainda não foi vencido
cujo braço vigoroso
tem ao mundo combatido
portanto quem enfrentá-lo
se considere perdido

O amor quando é sincero
na luta não esmorece
como assim vivendo preso
não desliza antes cresce
pois se torna ainda mais forte
na ocasião que padece.

Portanto eu quero contar
uma aventura de amor
nela se ver a bravura
de seu braço lutador
esmagando com coragem
um infame sem pudor.

Houve no tempo passado
na capital de Lisboa
um pescador muito pobre
mas filho de gente boa
o qual sendo muito esperto
não vivia tão à-tôa.

Esse pobre pescador
chamava-se João Feitosa
a esposa era Maria
o apelido Mariosa
de quem nasceu uma filha
inteligente e formosa

João Feitosa e Mariosa
devido a grande beleza
de sua filhinha única
viviam em contenteza
agradecendo a bondade
da divina natureza

Todo mundo admirava
essa menina de amor
e devido a tal menina
João Feitosa pescador
tornou-se bem conhecido
por ser pai d'aquela flor.

Preciso agora dizer
o nome da tal menina
o seu nome era Zulmira
sua beleza divina
era como o lírio branco
ao romper da matutina.

João Feitosa embora pobre
mandou Zulmira estudar
e ela logo aprendeu
ler muito bem e contar
cortar, coser, fazer flores
tocar piano e cantar

Quando Zulmira chegou
aos quinze anos de idade
achou muitos casamentos
dos rapazes da cidade
mais não quiz porque a ella
ella não tinha amizade.

Ora, Zulmira engeitou
rapazes capitalistas
engeitou negociantes
criadores e artistas
e outros rapazes bons
inclusive jornalistas.

Porem tomou simpatia
a um poeta coitado
que passava sempre as noites
cumprindo o seu triste fado
so som de um bandolim
como um pobre despresado.

Chamava-se esse poeta
Antonio Ramos Patricio
filho de uma engomadeira
que já não tendo outro officio
só deu-lhe as primeiras letras
porem com muito sacrificio.

Antonio Ramos Patricio
tendo muita intelligencia
quando ficou rapaizinho
começou com paciência
estudar com um amigo
e adqueriu ciência.

Zulmira uma noite ouvindo
 Ramos Patricio cantar
 uma canção pela rua
 nelá começou pensar
 lhe vindo logo o desejo
 de com ele se casar.

A canção dizia assim
 meu Deus! que grande tristeza
 soffro eu constantemente
 neste mundo de incerteza
 cumprindo a lei do meu fado
 chorando a minha pobreza.

— Meu coração também ama
 mas de o dizer tenho medo
 pois um pobre como eu
 só pode amar em segredo.
 ó Deus tende dó de mim
 me mandando a morte cedo

— Pois a mulher a quem amo
 a mim não consagra amor
 pois vive a sonhar talvez
 com quem tem maior valor
 eu sou pobre!.. e ela a mim
 só poderá ter horror.

— Muitos filhos da riqueza
 têm buscado o amor dela
 e têm sido recusados
 ó! meu Deus que alma aquela
 se os ricos são causados
 ai de mim.. que amo a ela

Zulmira ouvindo a canção
lhe nasceu uma esperança
de se casar com Patricio
então lhe veio a lembrança
essa sentença que diz:
quem não morre tudo alcança

No outro dia cedinho
Zulmira se levantou
Patricio na porta dela
as nove horas passou
Zulmira estandoa janela
para ele assim falou:

--- Senhor Patricio desculpe
o meu aborrecimento
eu desejo que o senhor
me copie neste momento
aquelas trovas que à noite
cantavas como um lamento.

Patricio entrou para sala
e começou escrever
e Zulmira com sorriso
começou a lhe dizer
--- estes seus versinhos tristes
já me fizeram sofrer.

Patricio lhe respondeu
um pouquinho admirado;
então meus versos não servem
visto terem magoado
o coração inocente
de anjo tão delicado

Zulmira fitou-o de frente
com seus olhos divinais
e disse: — Seus versos servem
porque são tristes demais
eu gosto de versos tristes
porque sempre são leais.

Patrício nesse momento
viu que Zulmira o fitava
com olhar de simpatia
e dele se aproximava
com um sorriso tão doce
que a su'alma cativava

Patrício que há muito tempo
vivia para morrer
por ter amor a Zulmira
porem sem ela saber
nesse momento sentia
um desmedido prazer.

E desse dia por diante
Patrício muito contente
daquela moça formosa
se ornou o pretendente
João Peitosa conhecendo
sentiu amargosamente.

E logo disse a Zulmira:
— Minha filha de amizade
não olhes para Patrício
que não tem prosperidad
procure outro rapaz
que tenha felicidade.

Zulmira lhe respondeu
— meu pai, eu amo a Patrício
e espero casar com ele
embora com sacrificio
e se o senhor proibir-me
me leva para o suplicio.

— Olhe qu'eu sou muito pobre
desculpe eu dizer-lhe assim
a pobre que ama ao rico
se não fôr tola é ruim
portanto amarei ao pobre
porque não zomba de mim.

João Feitosa respondeu-lhe;
— pole bem, não te empatarei
teu amor é soberano
teu desejo é uma lei
fazes o que te aprover
que nada mais eu direi.

Decorrido poucos dias
Patrício foi a Feitosa
e pediu-lhe a casamento
a sua filha formosa
e Feitosa deu-lhe o sim
de acordo com Mariosa.

Ficou justo o casamento
sem a menor novidade
e logo se propalou
a noticia na cidade
muitos rapazes ficaram
em grande contrariedade.

Um rapaz negociante
que preferia Zulmira
quando soube da história
disse com raiva: — é mentira
mas logo teve a certeza
quase morria de ira,

Esse rapaz era ele
negociante e bandido
se fingia muito exato
porem roubava escondido
junto com quatro ladrões
cada qual mais atrevido

Tinha um subterâneo
dentro do seu armazem
muito escuro e profundo
e muito estreito tambem
onde matava um pobre
sem ser visto por ninguém.

Esse máu negociante
tinha o nome de Sansão
e o nome dos bandidos
era um Absalão
outro se chamava Lino
o mais Perverso e ladrão.

O terceiro se chamava
por apelido "Cuminho"
mas o seu nome era Ambrosio
homem malvado e mesquinho
o quarto era o mais bruto
e se chamava Agostinho,

Sansão que tinha desejo ardente em seu coração de se casar com Zulmira de ciúme encheu-se então e contra Ramos Patrício conspirou uma traição.

Botou diversas tocalas para agarrar à Patrício porem Patrício feliz não calu no precipício até que por fim casou-se sem o menor sacrificio

Mas quando fazia um mês do seu feliz casamento Patrício vinha uma noite d'um estabelecimento aonde tinha comprado para a ceia o alimento.

Passando n'um beco escuro viu-se de chôfre agarrado por dois sujeitos robustos e foi logo amordaçado e com um pano nos olhos foi n'um carro transportado.

Com meia hora depois estava ele coitado dentro de um subterrâneo com outro preso d'um lado e Patrício não sabia já por onde tinha entrado.

Então perguntou ao preso
que avistou junto de si:
— amigo, queira dizer-me
que lugar é esse aqui?
e preso disse: — eu não sei
porque aqui não nasci

Patrício ainda perguntou-lhe
— Mas quem aqui me botou
o preso lhe respondeu
— Meu moço você chegou
junto com dois mascarados
que vem sempre a onde estou

— Ouça o que vou lhe dizer
eu fui preso há cinco anos
e pôsto neste lugar
e a ninguém causei danos
mas aqui tenho sofrido
tratamentos desumanos

— Fui preso por um bandido
e roubado sem demora
em sem mil contos de réis
e antes de meia hora
fui pôsto neste lugar
onde está me vendo agora

— Aqui me vi obrigado
trabalhar de sapateiro
comendo uma vez por dia
um pão mesquinho e grosseiro
traído por um carrasco
mascarado e desordeiro

-11-

—Depois que aqui estou preso já tive dois companheiros mas todos dois faleceram devido aos tratos grosseiros agora chegou você preso por dois desordelros.

Patricio quando ouviu isto sentiu o gelo da morte então disse soluçando:
--ôh! Deus poderoso e forte como Pai dos desgraçados tende dó da minha sorte.

Quando o dia amanheceu viram chegar dois sujeitos ambos vinham mascarados eram dois monstros perfeitos e logo foram dizendo:
— estejam bem satisfeitos.

Dizendo isso ordenaram ao dito preso primeiro dizendo: --seu Bonifácio ensine ao seu companheiro de hoje em diante para vermos se datã p'ra sapateiro.

No mesmo instante voltaram e o dito preso antigo cujo nome é Bonifácio disse assim: ôh! meu amigo você de agora em diante irá trabalhar comigo.

Patrício com Bonifácio
começou a trabalhar
então depois de seis meses
já sabia apalassar
e se fez bom sapateiro
naquele oculto lugar.

Agora falo em Zulmira
que já não vendo o marido
voltar á casa jamais
julgou ele ter morrido
e procurou seu cadáver
mas não foi apparecido:

Logo então desenganou-se
perdendo toda esperança
de encontrar o marido
e sendo muito criança
chorava sem ter consolo
com o marido em lembrança

Quando completou um ano
Zulmira muito abatida
considerou-se viúva
tristonha e constrangida
cobriu-se toda de luto
sem ter mais prazer na vida.

Com dois annos de viúva
alguem lhe entregou na mão
lhe falando em casamento
uma carta de Sansão
o dito que conservava
á Patrício na prisão.

Recebendo ela essa carta
lhe falando em casamento
se mostrando aborrecida
pois o seu constrangimento
era tão grande que ela
não tinha tal pensamento.

Sendo Sansão muito rico
com trinta anos de idade
João Feitosa disse a ela:
—se tú me tens amizade
respondes a Sansão que sim
com a maior brevidade.

—Olhas que já estou velho
quase não posso pescar
e tú casando com 'ele
poderás me auxiliar
portanto não deverás
a sua mão recusar.

Zulmira lhe respondeu;
—meu pai, não tenho certeza
que Patrício seja morto
e seria uma baixeza
casar-me com ele vivo
não caio nessa fraqueza.

João Feitosa respondeu-lhe:
—minha filha eu te garanto
que Patrício não existe
te juro por qualquer santo
porque se ele existisse
não se demorava tanto.

Zulmira então refletindo no que o pai lhe dizia mandou dizer a Sansão que de bom gosto queria Sansão com esta resposta deu um pulo de alegria.

E sem nenhuma demora cheio de vida e contente mandou levar a Zulmira um rico anel de presente e Zulmira recebeu o anel de boa mente.

Quando faltava dois meses para o dito casamento o amigo de Patrício lá no escuro aposento estava para morrer no mais triste desalento.

Patrício vendo o amigo falecer qualquer momento lhe disse: óh! meu Bonifácio se eu ficar neste aposento sem a sua companhia morrerel de desalento.

Bonifácio respondeu-lhe: — meu amigo paciência! olhe, você está moço... tenha fé na Providência pode ser que ainda saia desta triste residência.

—Eu estou no fim da vida e morrerei desta vez pois tenho setenta anos não durarei mais um mês só peço a Deus que castigue a quem tanto mal me fez.

—Patrício eu sou holandês e possuo um documento de um tesouro enterrado na ilha do Solta-Vento na América Meridional com todo esclarecimento.

—Esse rico documento eu tenho preso comigo n'uma bolsa de borracha e em verdade lhe digo que o deixo para você pois o tenho como amigo.

—Se um dia você sair desta prisão esquisita leva consigo a fortuna peça a Santa Mãe Bendita para que Ela lhe tire desta prisão tão malôita.

E Bonifácio entregando a Patrício o documento lhe deu um grande desmaio naquela mesmo momento e morreu com duas horas já por não ter mais alento.

Assim que Patricio viu
o companheiro morrer
abraçou-se com seu corpo
e sem poder se conter
começou a soluçar
tristonhamente a dizer:

—Ó! Meu Deus tão poderoso
morreu o meu companheiro
que se fez para comigo
camarada verdadeiro
pois nunca deixou-me aqui
eu morrer no desespero

Portanto hó Jesus Clemente
manda me matar tambem
já que morreu meu amigo
a vida não me convem
se a vida não me serve
a morte me faz o bem

—Oh! minha pobre Zulmira
não julgues qu'eu seja ingrato
que tenha té abandonado
cuspido em nosso contrato
pois não fui o causador
de me tornar pouco exato.

—Oh! Maria Imaculada
defendei minha mulher
contra qualquer sedução
enquanto vida tiver
defendei-a da vaidade
ou da outra falta qualquer

—Vêde se eu sou criminoso
sôfra eu, Zulmira não
também se eu for inocente
tirai-me desta prisão
ou então mandai-me a morte
qu'eu já não faço questão

Nisto Patrício calou-se
soluçando na garganta
Pois chegou um mascarado
que vinha trazer a janta
o qual vendo o velho morto
fez gesto de quem se espanta

Logo foi examinar
mostrando alguma surpresa
se o velhinho estava morto
e quando teve a certeza
deixando a janta saiu
com a maior ligeiteza

Mas tarde dois mascarados
ambos trazendo um caixão
entraram ligeiramente
na miserável prisão
onde estava Bonifácio
morto e frio sôbre o chão.

Colocaram Bonifácio
no velho caixão imundo
depois disseram baixinho:
—esteja aí vagabundo
enquanto chega da noite
o seu silêncio profundo.

E dizendo assim saíram
 e Patrício então tirou
 Bonifácio do caixão
 e n'um recanto o botou
 depois de tê-lo coberto
 no caixão se colocou.

Então dizia consigo
 --Eles me levam p'ra fora
 desta prisão miserável
 e talvez Nossa Senhora
 como mãe dos desgraçados
 venha em meu socorro agora.

Quando a noite estava calma
 Patrício sentiu então
 que alguém sem conversar
 conduzia o seu caixão
 depois presentiu que estava
 dentro d'outra habitação.

Pois ouviu alguém dizer
 ---Olha Lino, seu Sansão
 mandou dizer a você
 que conduzisse esse caixão
 dentro da sua canoa
 p'ra onde tem tubarão.

Perguntou Lino ao alguém:
 ---mas quem foi que faleceu?
 ---foi o velho Bonifácio
 o mesmo alguém respondeu.
 ---aquele que Agostinho
 há sete anos prendeu.

Lino perguntou ao alguém
dizendo: — amigo «Cuminho»
e como ficou Patricio
naquele lugar sôzinho?
«Cuminho» disse: — dormindo
no seu costumado ninho

— Porem como hoje na hora
este amigo Absalão
foi quem levou a comida
a eles dois na prisão
é quem nos pode dizer
se ele estava alegre ou não

Absalão respondeu:
— Emcontrei ele chorando
mas me vendo levantou-se
p'ro ninho se retrando
agora ficou dormindo
e com Zulmira sonhando

Disse Lino: — porem ele
não sabe que Sansão
vai se casar com Zulmira
com grande satisfação
ai! se ele soubesse disto
se mordia de paixão

— Aquela jovem formosa
não convinha ser mulher
d'um poeta como aquele
sem recurso e sem mister
convem ser de Sansão
que dar-lhe o que ela quiser

—Seu Sansão há muito tempo
vivia louco por ela
mas aquele desgraçado
conquistou o amor dela
e já por isso caiu
em nossa grande “esparrela.”

—Seu Sansão já disse a mim
que depois que se casar
mandará envenená-lo
p’ra Zulmira não sonhar
e depois do bicho morto
eu vou jogá-lo no mar.

Patricio nesse momento
pôde então ser sabedor
por quem tinha sido preso
então cheio de pavor
no caixão não se boliu
pois não podia se opor

Soube os nomes dos bandidos
um se chamava “Cuminho”
outro se chamava Ambrósio
o que prendeu o velhinho
outro se chamava Lino
o mais perverso e mesquinho

E soube então que aquele
que viu ele na prisão
chorando a morte do velho
se chamava Absalão
e fôra ele e “Cuminho”
quem trouxeram seu caixão.

Com meia hora depois
às duas da madrugada
Lino levando o caixão
sem conduzir camarada
remou para executar.
de Sansão a embaixada

Com duas léguas da praia
Lino parou de remar
e foi tirar o defunto
para jogá-lo no mar
com uma pedra ao pescoço
para o corpo não boiar.

Mas logo assim que tirou
ele a tampa do caixão
Patrício ergueu-se de dentro
e deu-lhe um grande empurrão
que Lino caiu no mar
tomado de sugestão.

Parece que um tubarão
por Lino estava esperando
pois assim que caiu n'água
o monstro o foi devorando
e Patrício na canôa
saiu pelo mar vagando.

Porem logo um vento contra
atirou com a canôa
para o lado contra a praia
e Patrício sobre a prôa
por não saber onde se
achava a carreira boa.

Logo então amanheceu
 e depois deu meio dia
 e chegou as quatro horas
 e ele a praia não via
 começou entristecer
 por não saber onde ia

Patrício morrendo a fome
 o mar lhe fazendo guerra
 começou então chorar
 mas nisto avistou a terra
 e já de noite saiu
 n'uma praia da Inglaterra

Mais tarde um pescador
 encontrou ele caído
 quase sem vida na praia
 cabeludo e mal vestido
 o pescador entendeu
 qu'ele fôsse algum bandido

Patrício fez um aceno
 implorando a caridade
 o pescador entendeu
 então cheio de bondade
 levou Patrício p'ra casa
 com muita amabilidade

Patrício tendo comido
 começou fazer acenos
 implorando que cortasse
 seus cabelos não pequenos
 o pescador sem demora
 o entendeu mais ou menos

O Pescador português
para remir a Patrício
lhe comprou sua canôa
sem o menor sacrificio
e Patrício agradeceu-lhe
esse grande beneficio.

Alem disso o portuguez
para honrar sua pessoa
deu a Patrício, calçados
um chapéu e roupa boa
e Patrício bem decente
embarcou para Lisboa

Chegou Patrício em Lisboa
em um dia feriado
às cinco horas da tarde
o céu estava azulado
tinha Sansão e Zulmira
naquela tarde casado

Patrício desembarcando
ligeiro se encaminhou
para a casa d'um velhinho
que dele sempre gostou
e sem dar-se a conhecer
por Zulmira perguntou

O velho lhe disse:— moço
essa moça se esposou
com um poeta decente
mas, dizem que enviuvou
e hoje com um ricoço
segunda vez se casou

Patricio disse—me diga quem casou com ela agora disse o velho;—foi Sansão negociante que mora na Avenida João de Barros grande cronista de outr'ora.

—Casaram-se as quatro horas e a festa está rolando inda não anoiteceu dizem que já estão dansando. Patricio sabendo disto foi logo se retirando.

Logo dourou os cabelos com um liquido cõr de ouro de formas que depois disto se tornou um rapaz louro e resolveu-se ir olhar da esposa dele o namôro.

Quando Patricio chegou no sobrado de Sansão alem de um baile animado estava n'outro salão moças cantando modinhas ao som de um violão

Patricio então tendo entrado para ó salão das modinhas logo avistou Zulmira com muitos camaradinhos escutando algumas áreas cantadas pelas modinhas.

Patricio bem disfarçado
disse para o povo assim
—se o salão me consentir
e houver um bandolim
eu cantarei qualquer coisa
embora cante ruim.

Logo Zulmira lhe disse
—pode cantar meu senhor
por aí há bandolins
e se caso é tocador
peça um que não lhe negam
e cante seja o que for.

Logo uma moça gritou
—eis aqui um bandolim
e entregou-o a Patricio
com sorriso de pasquim
e Patricio disfarçado
começou cantando assim:

—Sou poeta e desgraçado
tú és formosa e feliz
hoje de mim não te lembras
porem mal nunca te fiz
se de ti eu vivo auzente
foi o destino quem quiz.

—Hoje te vejo feliz
muito contente e formosa
deves gozar tua vida
já que fostes venturosa
só a mim convem chorar
a minha sorte escabrosa.

—Hoje tú não me conheces
pois estou muito mudado
porem sou aquele mesmo
que já vivi do teu lado
muito alegre e satisfeito
sendo por ti adorado.

Patrício dizendo assim
viu que o olhar de Zulmira
fitava a ele do jeito
de alguam quando se admira
então soltando um suspiro
do recinto se retira.

Passando uns dez minutos
chegou Zulmira outra vez
e convidou a Patrício
com calma e com polidez
p'ra ele ir tomar um cha
e ele questão não fez.

Zulmira indo com ele
baixinho lhe disse assim:
—senhor, pelo amor de Deus
tenha compaixão de mim
me diga como se chama
se não quiser ver meu fim.

Patrício disse:—senhora
ainda com sacrificio
eu lhe diria o meu nome
para não ver seu suplicio
pois saiba dona, eu me chamo
Antonio Ramos Patrício.

Zulmir disse: —porem tens a forma d'outro moço e o conduzia para um quarto preso um braço ao seu bescoco dizendo; —vens me falar mas longe deste alvoroco.

Logo Patricio a Zulmira lhe contou todo passado e Zulmira soluçando deu-lhe um beijo em cada lado' porem Patricio afastou-a pois estava enclumado.

Mas Zulmira disse a ele: —vais para aquele salão aonde cantam modinhas e não dê demonstração qu'eu vou a sala de baile acarinhaz a Sansão.

Patricio fez seu pedido e ela então procurou n'uma gaveta uma arma e um punhal encontrou e indo a sala do baile a Sansão apunhalou'

Sansão se vento cravado em cima do coração deu um grito que estrondou e estendeu-se no chão e a festa se tornou n'uma grande confusão.

A justiça de Lisboa
 que se achava ali tambem
 logo prendeu a Zulmira
 com palavras de desdem
 Zulmira não encontrava
 ali por ella ninguem.

Logo foi interrogada
 pelo juiz de direito
 ella a elle respondeu
 com firmeza e com respeito
 depois Patricio contou
 o que Sansão tinha feito

Contou na vista de todos
 como foi sua prisão
 e os dois annos que soffreu
 junta com um ancião
 e como pôde sair
 vivo dentro de um caixão

E disse os nomes de quatro
 dos bandidos de Sansão
 pois de quatro ouviu os nomes
 quando estava no caixão
 e disse:—Lino e "Cuminho"
 Agustinho e Absalão.

O juiz mandou fazer
 daquela corja a prisão
 e foram presos, "Cuminho"
 Agustinho e Absalão
 menos Lino porque tinha
 entrado n'um taboão.

Estando o juiz ciente das infâmias de Sansão mandou logo os três bandidos residirem na prisão e perdoou a Zulmira nessa mesma ocasião.

E a riqueza de Sansão disse o juiz de direito que pertencia a Zulmira ela disse:—não aceito pois não quero ser herdeira desse infame sem conceito.

Nisto Patricio abraçou-a chorando dizia assim:—minha esposa me perdôa pois tú provastes a mim que és u'a mulher santa e eu te julgavas ruim.

Então Patricio e Zulmira abraçados no salão choravam como criança e toda reunião dizia: viva Zulmira porque motou com razão.

Depois Zulmira levou Patricio a sua morada e foram viver felizes n'uma vida abençoado e nunca mais em Lisboa houve cena tão falada.

Com dois meses depois disto
Patrício veio em procura
do seu grande cabedal
conforme lha a escritura
que Bonifácio lhe dera
naquela prisão escura

Na ilha do Solta Vento
Patrício tendo chegado
não foi custoso encontrar
o seu tesouro enterrado
quinhentos contos de réis
dinheiro forte e cunhado.

Patrício muito contente
voltou para Portugal
u'um navio italiano
levando o seu cabedal
e foi gozar com Zulmira
ama vida sem igual.

E no mês que ele chegou
os bandidos de Sansão
loram todos fuzilados
Pois do júri adecisão
foi a sentença de morte
e não houve apelação.

Porem antes confessaram
o susto que tinham tido
quando viram que Patrício
da prisão tinha jugido
dentro do caixão de morto
deixando o morto escondido.

E Sansão devido a isto
vivia quase assombrado
pretendia se mudar
depois de ter se casado
pois se Patrício existisse
ele estava desgraçado.

Mas as vezes se animava
aos seus dizendo assim:
—talvez que Ramos Patrício
nunca denuncie de mim
porque Lino não voltou
todos dois tiveram fim

Já procurei demonstrar
O amor o quanto é forte
Se atreve enfrentar a morte
E não busca recusar
Conheço que quem amar
CAMEinda medroso sendo
MEas sendo preso ou se vendo
EM uma luta de amor
Lutará com destemor
O seu amor defendendo

3065

A Voz da Poesia Nordestina

de José Costa Leite

FOLHETOS EM GROSSO E VAREJO

RUA JOSÉ MALHEIROS, 72

Condado Pernambuco

Não deixem de ler :

Narciso e Iracema, O Pirata dos Sete Mares, O Gavão encantado, O Sino da Serra Cruz ou Samuel e Guiomar, Anacleonte e Rosa Branca, Os Três Cavalos Misteriosos, Jacinto e Esmeraldina, Entre o Amor e o Ódio, O Beijo da Despedida ou a Louca do pé da Cruz, Zulamar e Albertina, Os Aventureiros da Sorte, O Principe Roldão e a Princesa Lídia, Torce-Coqueiro, Perna de Legua e João Comedor, Zuzú e Carminha, Alexandrino e Nêmia e outros mais do mesmo autor.

orig col - T II - 701